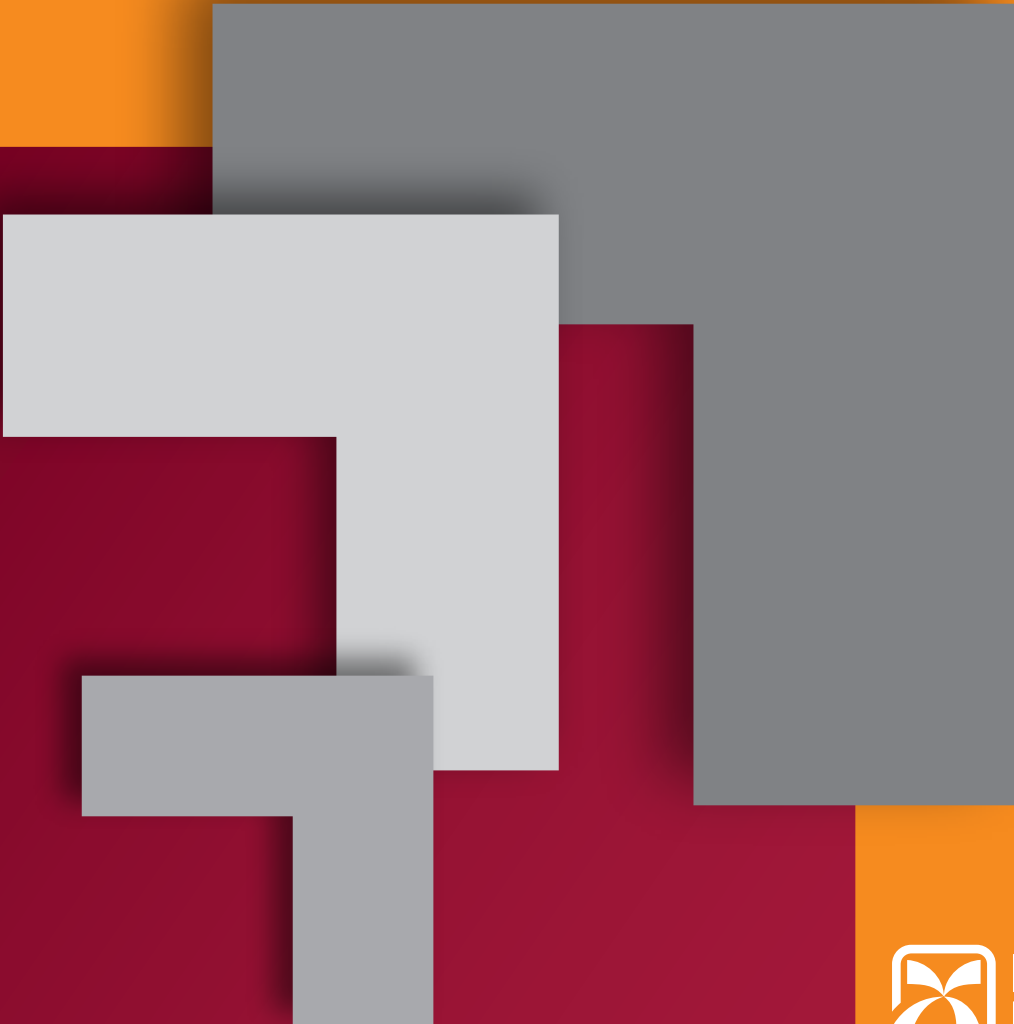




Informe **Macroeconômico** ETENE

ano 6, n.9, Setembro 2026

**Nordeste lidera crescimento dentre as regiões, no
acumulado de 12 meses até julho de 2026**



**Banco do
Nordeste**



Nordeste lidera crescimento dentre as regiões, no acumulado de 12 meses até julho de 2026

Apresentação

O Informe Macroeconômico ETENE – setembro de 2026 apresenta uma análise da conjuntura econômica do Nordeste a partir dos indicadores mais recentes disponíveis. Os dados mostram que a atividade econômica regional permaneceu crescendo acima da média nacional, com expansão de 2,5% no acumulado dos últimos doze meses até julho de 2026, frente a 1,5% do Brasil. Pernambuco manteve-se como principal destaque da Região, enquanto Rio Grande do Norte e Ceará apresentaram sinais de recuperação.

Ao longo do documento, são analisados os principais indicadores de atividade produtiva da Região. A safra agrícola de 2026 consolidou o Nordeste como um dos principais vetores de crescimento da produção nacional de grãos, com aumento estimado de 7,3% em relação ao ciclo anterior. A indústria nordestina continuou perdendo dinamismo em 2026 e acumulou leve retração até julho, refletindo resultados negativos em grande parte dos estados e segmentos industriais, embora Pernambuco tenha registrado crescimento expressivo. O comércio varejista permaneceu mais dinâmico que a média nacional na maior parte dos estados, enquanto o setor de serviços apresentou desempenho heterogêneo, com destaque para Sergipe e Paraíba, que cresceram acima da média brasileira. O turismo também mostrou resultados favoráveis, impulsionado pelo avanço da movimentação aérea internacional e pelos gastos de turistas estrangeiros no País.

O Informe aborda ainda a evolução dos preços, do crédito e das contas públicas. Em agosto, o Nordeste registrou desinflação de 0,46% pelo IPCA, com preços caindo mais do que na média nacional, refletindo principalmente a redução dos preços de energia elétrica, combustíveis e alimentos. No mercado de crédito, a Região manteve trajetória de crescimento superior à média nacional, com destaque para Ceará, Paraíba e Sergipe. Na área fiscal, o documento analisa a reversão do resultado primário do Governo Central para superávit em julho, embora o déficit acumulado no ano permaneça elevado e continue pressionando a trajetória da dívida pública.

No setor externo, as exportações nordestinas alcançaram US\$ 17,6 bilhões entre janeiro e agosto de 2026, crescimento de 6,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionadas principalmente pelo avanço das vendas de commodities como soja, combustíveis derivados de petróleo e celulose. A Bahia manteve a liderança das exportações regionais e registrou o maior superávit comercial do Nordeste. O documento é concluído com as expectativas do BNB/Etene para as principais variáveis macroeconômicas de 2026, que subsidiam o Relatório Focus do Banco Central do Brasil.

1 Atividade Econômica: Nordeste lidera crescimento dentre as regiões, com destaque para Pernambuco, em julho de 2026

A atividade econômica do Brasil, medida pelo IBC-Br, cresceu 1,5% no acumulado dos 12 meses encerrados em julho de 2026, mantendo estabilidade nos últimos três meses após desaceleração observada no início do ano. O Nordeste apresentou desempenho superior ao nacional, com crescimento de 2,5%, dividindo com a Região Sul a liderança entre as grandes regiões do País (Tabela 1). Entre os estados analisados, Pernambuco destacou-se com expansão de 3,6%, mais que o dobro da taxa brasileira, enquanto Rio Grande do Norte (2,1%) e Ceará (1,7%) mostraram trajetória de recuperação e crescimento gradual. Em contrapartida, Maranhão (1,6%) e Bahia (1,4%) registraram perda de dinamismo ao longo do período. Apesar da desaceleração recente, os resultados indicam que a economia nordestina continua relativamente mais aquecida que a média do Brasil.

Tabela 1 – Taxa de crescimento (%) do IBC (Índice de Atividade Econômica do Banco Central), em ordem decrescente do último mês – Brasil e estados selecionados– Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a julho/2026

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Jul/26	Minigráfico
Brasil	2,2	1,8	1,8	1,6	1,4	1,5	1,5	
Nordeste	2,3	2,4	2,8	3,0	2,8	2,6	2,5	
Sul	2,4	2,3	2,4	2,7	2,4	2,5	2,5	
Centro-Oeste	5,2	4,6	3,9	3,2	3,2	3,0	1,7	
Sudeste	1,3	1,2	1,4	1,6	1,5	1,7	1,7	
Norte	3,1	3,1	3,3	3,1	2,7	1,9	1,5	
Pernambuco	1,4	2,0	3,3	3,5	3,7	3,7	3,6	
Rio Grande do Norte	1,7	1,3	1,7	1,8	1,8	2,0	2,1	
Ceará	1,4	1,3	1,5	1,6	1,6	1,7	1,7	
Maranhão	3,4	3,4	3,3	2,8	2,1	1,9	1,6	
Bahia	2,7	2,7	2,5	2,4	2,1	1,5	1,4	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central (BC). Nota (1): Valores YoY (Year over Year)

Sob a ótica setorial, a agropecuária foi a atividade de maior crescimento no Brasil em julho de 2026 (2,3%), seguida pelos serviços (1,9%) e pela indústria (0,7%). Contudo, a desaceleração da economia brasileira esteve concentrada principalmente na agropecuária, cuja taxa anualizada recuou de 12,5% em janeiro para 2,3% em julho (Tabela 2). Os serviços mantiveram crescimento próximo de 2,0%, sustentando a atividade econômica, enquanto a indústria permaneceu como o segmento menos dinâmico, apesar de sinais recentes de recuperação. No Nordeste, a perda gradual de dinamismo está associada principalmente ao fraco desempenho industrial, com retrações em estados como Rio Grande do Norte, Maranhão, Bahia e Ceará, além da desaceleração do setor de serviços em importantes economias da região, como Bahia, Pernambuco, Maranhão, Ceará e Alagoas.

Tabela 2 – Taxa de crescimento (%) do IBC (Índice de Atividade Econômica do Banco Central) – Brasil e setores econômicos – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a julho/2026

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Jul/26	Minigráfico
Agropecuária	12,5	9,8	6,0	3,3	2,8	2,5	2,3	
Indústria	1,1	0,8	0,8	0,8	0,5	0,6	0,7	
Serviços	1,9	1,8	2,0	2,1	1,9	2,0	1,9	
Brasil	2,2	1,8	1,8	1,6	1,4	1,5	1,5	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central (BC). Nota (1): Valores YoY (Year over Year)

2 Produção Agrícola: crescimento na produção de grãos no Nordeste é destaque nacional na safra 2026

A produção brasileira de grãos na Safra 2026 está estimada em 352,9 milhões de toneladas, na posição agosto/2026, representando crescimento de 1,98% em relação à safra anterior (posição agosto/2025). O Nordeste apresenta um dos melhores desempenhos regionais desta safra, com estimativa de produção em torno de 29,8 milhões de toneladas, equivalente a 8,4% da produção brasileira. Em relação ao desempenho da safra 2025, o Nordeste apresenta um crescimento expressivo de 7,3%, superando outras regiões e reforçando seu papel como vetor de expansão agrícola. No Sul, a marca ficou em torno de 6,3%, enquanto no Centro-Oeste, no Sudeste e no Norte, a expectativa foi de relativa estabilidade na produção, com registro negativo de 0,36%, 0,01% e 0,06% respectivamente (Tabela 3).

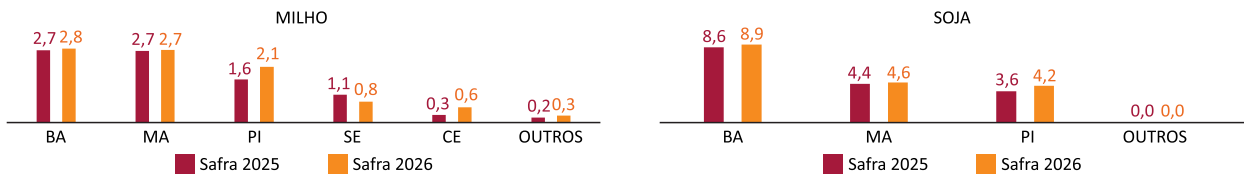
Tabela 3 – Brasil e Regiões: Produção de Grãos - Safras 2025 e 2026

Unidades Federativas	Posição agosto 2026				Variação Safra 2025/2026	
	Safra 2025	Particip. 2025 (%)	Safra 2026	Particip.2026 (%)	Var. Total	Var. (%)
Brasil	346.098.824	100,00	352.942.414	100,00	6.843.590	1,98
Norte	22.311.415	6,45	22.296.973	6,32	-14.442	-0,06
Nordeste	27.744.033	8,02	29.771.328	8,44	2.027.295	7,31
Centro Oeste	178.641.397	51,62	178.005.457	50,43	-635.940	-0,36
Sudeste	31.105.103	8,99	31.102.968	8,81	-2.135	-0,01
Sul	86.296.876	24,93	91.765.688	26,00	5.468.812	6,34
Bahia	12.839.577	3,71	13.256.520	3,76	416.943	3,25
Maranhão	7.462.343	2,16	7.733.641	2,19	271.298	3,64
Piauí	5.664.321	1,64	6.812.258	1,93	1.147.937	20,27
Sergipe	1.106.815	0,32	822.315	0,23	-284.500	-25,7
Ceará	383.447	0,11	714.681	0,2	331.234	86,38
Alagoas	166.162	0,05	152.939	0,04	-13.223	-7,96
Paraíba	29.003	0,01	116.145	0,03	87.142	300,46
Pernambuco	71.836	0,02	108.253	0,03	36.417	50,69
Rio Grande do Norte	20.529	0,01	54.576	0,02	34.047	165,85

Fonte: IBGE/LSPA (2026). Elaboração BNB/Etene.

Os bons resultados da safra de grãos nordestina estão fortemente relacionados aos polos agrícolas da Bahia, do Maranhão e do Piauí, com participação de 44,5%, 26,0% e 22,9%, respectivamente. As safras de soja e milho deverão atingir 17,8 e 9,3 milhões de toneladas, respectivamente, no Nordeste (Gráfico 1), o equivalente a um crescimento de 6,7% para a soja e de 7,6% para o milho. A Bahia sozinha tem previsão de 13,26 milhões de toneladas de grãos em 2026, crescimento de 3,2% frente a 2025. Piauí e Ceará se destacam pelo avanço na produção, com aumentos estimados de 20,3% e 86,4% na produção de grãos, respectivamente, não somente do milho e da soja, mas também algodão, arroz e feijão. Por outro lado, os efeitos dos impactos climáticos e o consequente comportamento do mercado contribuíram para redução da estimativa de produção em Sergipe refletindo em perda de 25% da produção de grãos, principalmente milho e arroz o que acende o alerta, dado a representatividade do estado na produção regional.

Gráfico 1 – Produção de milho e soja (milhões de toneladas) no Nordeste - Safras 2025/2026



Fonte: IBGE/LSPA (2026). Elaboração BNB/Etene.

3 Indústria: Nordeste perde dinamismo ao longo de 2026

A indústria do Nordeste perdeu dinamismo ao longo de 2026, conforme dados do IBGE. Após crescer 2,1% até abril, recuou por três meses consecutivo e acumulou queda de 0,1% entre janeiro e julho, frente ao avanço de 1,1% no Brasil (Tabela 4). O resultado regional refletiu redução em 8 das 14 atividades da indústria de transformação (-0,4%). Os principais destaques positivos foram a indústria extrativa (8,7%), alimentos (3,4%), refino e biocombustíveis (1,4%), e produtos de metal (10,7%), enquanto máquinas e materiais elétricos (-21,8%), têxteis (-14,5%) e couro e calçados (-5,9%) exerceram pressão negativa. No recorte estadual, Pernambuco foi a exceção, crescendo expressivos 16,5%, segunda maior taxa entre os 18 locais pesquisados no país, impulsionado



sobretudo por refino e biocombustíveis (86,4%), embora esse avanço esteja perdendo intensidade ao longo do ano e tenha ocorrido sobre uma baixa base de comparação (-31,5%, em jan-jul de 2025).

Tabela 4 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades – Brasil, Nordeste e Estado do Nordeste – acumulado jan-jul de 2026 (Base: igual período do ano anterior)

	BR	NE	MA	CE	RN	PE	BA
Indústria geral	1,1	-0,1	-6,2	-3,2	-12,4	16,5	-4,9
Indústrias extrativas	6,7	8,7	-36,4	-	-2,0	-	4,4
Indústrias de transformação	0,1	-0,4	-4,5	-3,2	-13,3	16,5	-5,4
Produtos alimentícios	0,4	3,4	-29,1	-3,2	-6,9	0,0	6,3
Bebidas	1,9	2,0	6,9	-0,1	-	0,5	-3,5
Produção de fumo	5,4	-	-	-	-	-	-
Produtos têxteis	-3,9	-14,5	-	-14,2	-	-	-
Confeção de vestuário e acessórios	-6,8	-7,3	-	-10,9	43,1	-	-
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-4,8	-5,9	-	-5,4	-	-	-16,8
Celulose, papel e produtos de papel	-3,0	-3,6	-6,0	-	-	12,5	-2,3
Coque, derivados do petróleo e de biocombustíveis	-1,9	1,4	-	14,7	-23,8	86,4	-8,1
Produtos químicos	-2,3	-2,0	-	-5,4	-	13,6	-6,4
Produtos de borracha e de material plástico	3,7	0,2	-	-	-	6,0	-4,0
Produtos de minerais não metálicos	-3,4	3,6	-1,8	8,1	-	4,3	2,6
Metalurgia	5,8	-3,0	6,4	-7,9	-	2,6	-8,1
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0,5	10,7	-	23,5	-	-8,2	-
Máquinas, aparelhos, materiais elétricos	0,8	-21,8	-	-14,9	-	-26,8	-31,9
Máquinas e equipamentos	0,7	-	-	-	-	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-2,9	-1,5	-	-	-	1,0	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-4,7	-	-	-	-	26,2	-

Fonte: IBGE (2026). Elaboração BNB/Etene

Em contraste, os outros quatro estados nordestinos pesquisados pelo IBGE registraram as quatro maiores retrações do país no acumulado até julho: Ceará (-3,2%), Bahia (-4,9%), Maranhão (-6,2%) e Rio Grande do Norte (-12,4%), evidenciando que a quase estabilidade regional (-0,1%) dependeu fortemente do desempenho pernambucano. No Ceará, apesar da alta de 14,7% em refino e biocombustíveis, as perdas se disseminaram por 8 das 11 atividades, com destaque para vestuário (-10,9%), couro e calçados (-5,4%), têxteis (-14,2%) e alimentos (-3,2%). Na Bahia (-4,9%) e no Rio Grande do Norte (-12,4%), o refino e biocombustíveis teve papel inverso ao observado em Pernambuco e Ceará, recuando 8,1% e 23,8%, respectivamente, em um cenário de perdas também disseminadas entre os setores. Já no Maranhão (-6,2%), que não possui refinaria entre os estados pesquisados, sobressaíram as quedas da indústria de alimentos (-29,1%), papel e celulose (-6,0%) e extrativa (-36,4%). Assim, o quadro até julho combina disseminação de resultados negativos espacialmente e setorialmente, com Pernambuco sustentando parte relevante do resultado regional e o segmento de refino e biocombustíveis funcionando como determinante para a dinâmica industrial da Região, impulsionando Pernambuco e Ceará, mas aprofundando as perdas na Bahia e no Rio Grande do Norte.⁴



4 Comércio varejista da maioria dos estados do Nordeste cresceu acima do Brasil em julho de 2026

O comércio do Nordeste manteve desempenho superior ao observado no Brasil no acumulado dos últimos 12 meses até julho de 2026. Enquanto o comércio varejista brasileiro cresceu 1,6% e o varejo ampliado avançou 1,2%, a maioria dos estados nordestinos registrou taxas mais elevadas (Tabela 5). Pernambuco destacou-se como o principal polo de crescimento da região, alcançando expansão de 6,7% no varejo e de 5,1% no varejo ampliado, com trajetória consistente de aceleração ao longo do ano. Também apresentaram resultados expressivos Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia no varejo, enquanto Bahia e Maranhão se sobressaíram no varejo ampliado. Por outro lado, o Piauí permaneceu como a principal exceção regional, registrando retração tanto no varejo (-1,2%) quanto no varejo ampliado (-1,9%).

Tabela 5 – Taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista e do comércio varejista ampliado (%), do último mês – Brasil e estados do Nordeste – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a julho/2026

	Jan/26		Fev/26		Mar/26		Abr/26		Mai/26		Jun/26		Jul/26	
	Varejistas	Ampliado	Varejistas	Ampliado	Varejistas	Ampliado	Varejistas	Ampliado	Varejistas	Ampliado	Varejistas	Ampliado	Varejistas	Ampliado
Brasil	1,6	0,0	1,4	-0,4	1,8	0,2	1,5	0,3	1,4	0,1	1,6	0,8	1,6	1,2
Alagoas	3,4	0,6	3,0	-0,1	3,2	0,7	2,6	0,5	2,2	0,2	2,1	0,6	1,8	0,6
Bahia	3,0	0,6	3,0	0,8	3,9	2,2	3,7	2,5	3,6	2,7	3,9	3,9	3,9	4,4
Ceará	3,5	4,4	3,2	3,6	3,6	4,1	3,6	3,6	3,6	3,5	3,9	3,8	4,0	3,7
Maranhão	2,4	-0,4	1,8	-0,5	2,5	0,8	2,3	1,4	2,3	1,4	2,5	2,5	2,5	3,1
Paraíba	4,6	3,8	4,6	3,3	4,7	3,5	3,7	2,7	3,0	2,2	3,2	2,6	3,2	2,7
Pernambuco	3,1	1,4	3,6	1,4	4,9	3,4	5,3	3,5	5,7	3,7	6,2	4,8	6,7	5,1
Piauí	0,0	-1,1	-0,7	-2,1	-1,0	-2,2	-1,6	-2,6	-2,1	-2,8	-1,6	-2,2	-1,2	-1,9
Rio Grande do Norte	5,1	2,6	5,2	2,1	6,2	3,2	6,4	3,6	6,2	3,3	6,1	3,3	5,7	3,2
Sergipe	1,9	0,8	1,9	0,5	2,8	1,6	2,6	1,4	2,1	0,9	2,1	0,9	2,0	0,8

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC. Nota (1): Valores YoY (Year over Year). Nota (2): O comércio varejista ampliado inclui o comércio varejista mais os comércios de veículos, motocicletas e peças; de material de construção; e o atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo.

A análise setorial revela diferenças importantes entre os estados (Tabela 6). No Ceará, o crescimento do comércio foi sustentado principalmente pelos segmentos de eletrodomésticos, combustíveis, artigos farmacêuticos e atacado de alimentos, apesar da forte queda do comércio de equipamentos de informática e comunicação. Em Pernambuco, o avanço mostrou-se disseminado, com destaque para hipermercados e supermercados, equipamentos de informática e comunicação e livros e papelaria. Já na Bahia, o principal destaque foi o expressivo crescimento do segmento de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (55,5%), acompanhado pelo bom desempenho do atacado especializado em alimentos e dos eletrodomésticos. No Brasil, os segmentos mais dinâmicos foram os de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, enquanto móveis, vestuário e material de construção continuaram limitando uma expansão mais forte do varejo ampliado.



Tabela 6 – Taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista e do comércio varejista ampliado, por atividades (%) – Brasil e estados selecionados – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Julho/2026

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,6	4,0	6,7	3,9
Combustíveis e lubrificantes	1,1	7,6	-6,5	5,0
Hipermerc., supermerc., produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,9	2,4	13,6	3,7
Hipermercados e supermercados	1,0	0,3	15,6	5,2
Tecidos, vestuário e calçados	-1,4	2,7	-2,5	-8,5
Móveis e eletrodomésticos	3,9	5,1	4,0	3,5
Móveis	-3,4	-0,3	4,3	-1,2
Eletrodomésticos	6,6	10,1	4,1	7,7
Art. farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perf. e cosméticos	5,1	6,4	-1,0	5,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,4	0,5	12,6	-8,6
Equip. e materiais para escritório, informática e comunicação	7,7	-12,3	12,6	55,5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,7	7,5	8,1	5,4
Comércio varejista ampliado	1,2	3,7	5,1	4,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	0,1	6,0	3,8	2,2
Material de construção	-1,7	-7,2	-1,7	1,1
Atacado especializ. em produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,6	6,9	2,7	11,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC. Nota (1): Valores YoY (Year over Year).

5 Serviços: Sergipe e Paraíba crescem mais do que o Brasil, julho de 2026

Os serviços brasileiros cresceram 2,4% no acumulado dos 12 meses encerrados em julho de 2026, mantendo trajetória de desaceleração ao longo do ano (Tabela 7). No Nordeste, Sergipe (4,4%) e Paraíba (3,5%) registraram desempenho superior ao nacional, com destaque para Sergipe, que assumiu a liderança regional após recuperação recente. Também apresentaram crescimento Rio Grande do Norte (1,5%), Piauí (1,2%), Bahia (0,7%) e Pernambuco (0,2%). Em contrapartida, Maranhão (-0,7%), Ceará (-1,5%) e Alagoas (-2,7%) permaneceram em retração, sendo este último o estado com a pior evolução observada no período.

Tabela 7 – Taxa de crescimento do volume de serviços (%), em ordem decrescente do último mês – Brasil e estados do Nordeste – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a julho/2026

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Jul/26	Minigráfico
Sergipe	4,8	3,9	3,9	3,4	3,0	3,7	4,4	
Paraíba	6,1	5,4	5,1	4,9	4,3	3,9	3,5	
Brasil	3,1	2,8	2,9	2,9	2,7	2,6	2,4	
Rio. G. Norte	2,7	2,0	1,8	1,7	1,1	0,5	1,5	
Piauí	-0,6	-0,3	0,3	0,6	0,4	0,7	1,2	
Bahia	-1,2	-1,2	-1,8	-1,5	-1,0	-0,3	0,7	
Pernambuco	0,4	0,1	0,6	0,2	0,1	0,2	0,2	
Maranhão	3,1	2,6	2,3	1,9	0,5	-0,3	-0,7	
Ceará	2,8	1,5	0,9	0,0	-0,7	-1,3	-1,5	
Alagoas	1,7	0,4	-0,5	-1,4	-2,5	-2,5	-2,7	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS). Nota (1): Valores YoY (Year over Year).

Entre os principais estados nordestinos, os resultados setoriais revelam trajetórias distintas. No Ceará, apenas outros serviços (2,9%) apresentou avanço relevante, enquanto os demais segmentos registraram queda. Pernambuco foi sustentado pelos serviços de informação e comunicação (3,6%) e pelos serviços profissionais,



administrativos e complementares (2,5%), ao passo que a Bahia se destacou pelo forte crescimento destes últimos (6,5%). A Tabela 8 demonstra que informação e comunicação e serviços profissionais seguem como os principais vetores de expansão, em linha com o resultado nacional, onde informação e comunicação avançou 5,9%, impulsionado especialmente pelos serviços de tecnologia da informação (10,3%).

Tabela 8 – Taxa de crescimento do volume de serviços, por atividades e subatividades (%) – Brasil e estados selecionados (1) – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (2) – Julho/2026

Atividades e Subatividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	1,6	-3,5	-2,2	-1,1
Serviços de alojamento e alimentação	1,9	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	0,0	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	5,9	-1,1	3,6	2,5
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	5,9	-	-	-
Telecomunicações	1,4	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	10,3	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	6,2	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	2,6	-2,3	2,5	6,5
Serviços técnico-profissionais	5,4	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	0,5	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,4	-1,6	-2,1	-1,9
Transporte terrestre	2,4	-	-	-
Transporte aquaviário	-1,7	-	-	-
Transporte aéreo	-4,0	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,9	-	-	-
Outros serviços	0,7	2,9	0,3	-3,6
Total	2,4	-1,5	0,2	0,7

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS). Nota (1): O IBGE divulga as variações do volume de serviços das atividades somente para Ceará, Pernambuco e Bahia. Nota (2): Valores YoY (Year over Year).

6 Turismo: Gastos de turistas internacionais no Brasil somam US\$ 6,5 bilhões até julho

O indicador de volume das atividades turísticas (Iatur) do País apresentou retração de 1,0%, no acumulado de janeiro a julho de 2026, frente ao mesmo período de 2025, conforme Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a pesquisa, esse resultado foi devido, principalmente, a menor receita obtida por empresas do ramo de transporte aéreo de passageiros e de hotéis. Entre os estados nordestinos pesquisados, Bahia (+5,9%) e Rio Grande do Norte (+1,7%) apresentaram crescimento, nesse período. Por outro lado, Alagoas (-0,8%), Pernambuco (-7,9%) e Ceará (-8,6%) registraram retração no indicador acumulado das atividades turísticas (Tabela 9).

Tabela 9 – Indicadores de Volume das Atividades Turísticas³, segundo Brasil e Unidades da Federação – Jan-jul/2026 – Variação (%)

Unidade Territorial	Mês/mês anterior ¹			Mês/mesmo mês do ano anterior			Acumulado no ano ²		
	mai/2026	jun/2026	jul/2026	mai/2026	jun/2026	jul/2026	mai/2026	jun/2026	jul/2026
Brasil	-0,4	-3,6	2,7	-1,5	-5,5	-1,6	0,0	-0,9	-1,0
Ceará	-1,9	-1,5	-1,8	-13,5	-16,0	-13,7	-5,8	-7,5	-8,6
Rio Grande do Norte	-0,1	-3,7	9,9	-0,3	-4,5	11,4	0,8	0,0	1,7
Pernambuco	-2,9	-2,2	-1,1	-9,8	-12,9	-13,7	-5,6	-6,8	-7,9
Alagoas	-4,3	2,7	0,6	-4,7	4,0	0,8	-1,9	-1,1	-0,8
Bahia	0,1	-1,9	8,6	7,6	5,9	18,6	3,4	3,8	5,9

Fonte: IBGE/PMS. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8694>. Acesso em: 10 set. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE. Notas: 1 com ajuste sazonal; 2 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nota 3: O Índice de Atividades Turísticas – IATUR é construído através do agrupamento das seguintes atividades: Alojamento e alimentação; Serviços culturais, desportivos, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas; Transportes turísticos (Transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares; Outros transportes aquaviários e Transporte aéreo de passageiros).



O Brasil recebeu 5,9 milhões de turistas internacionais, nos sete primeiros meses de 2026, queda de 1,3% frente ao mesmo período de 2025. A Argentina lidera como principal emissor de turistas ao Brasil, seguida pelo Chile, Estados Unidos, Uruguai e Paraguai. São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul foram os principais portões de entrada. Esse fluxo refletiu no aumento da receita do turismo internacional com a injeção de US\$ 6,543 bilhões no País, em despesas como hospedagem, alimentação, transporte, lazer e compras, crescimento de 9,5%, no período em foco. Na Região Nordeste, a Bahia foi o principal portão de entrada, seguido de Pernambuco e Ceará.

A movimentação aérea (embarque + desembarque) de passageiros em voos domésticos atingiu 118,8 milhões de passageiros, crescimento de 4,0%, no período de janeiro a julho de 2026 frente a janeiro a julho de 2025 (Tabela 10). O Nordeste respondeu por 20,0% deste total, com 23,7 milhões de passageiros e crescimento de 6,9%. Nos aeroportos nordestinos, Bahia (29,1% do total), Pernambuco (24,8%) e Ceará (15,6%) responderam por quase 70% da movimentação doméstica.

Já a movimentação de turistas em voos internacionais nos aeroportos brasileiros aumentou 8,2%, somando 17,8 milhões de passageiros, nesse período. A região Nordeste foi a que registrou maior expansão nos voos internacionais, alta de 26,7%, com 1,2 milhão de passageiros (6,7% do total transportado). Bahia (31,7% de participação), Pernambuco (30,4%) e Ceará (24,2%) responderam por 86,3% deste total.

Tabela 10 – Movimentação de passageiros em voos domésticos e internacionais, em aeroportos – Brasil, Regiões e Estados do Nordeste – Jan-jul/2026/2025

Unidade Territorial	Voos domésticos			Voos internacionais		
	jan-jul/2025	jan-jul/2026	Variação (%)	jan-jul/2025	jan-jul/2026	Variação (%)
BRASIL	114.146.602	118.759.122	4,0	16.440.153	17.789.062	8,2
CENTRO-OESTE	13.557.240	14.165.694	4,5	514.504	524.855	2,0
NORTE	6.258.670	6.309.518	0,8	193.329	241.047	24,7
SUDESTE	58.243.801	59.619.017	2,4	13.673.925	14.529.715	6,3
SUL	13.918.646	14.969.055	7,5	1.111.459	1.293.831	16,4
NORDESTE	22.168.245	23.695.838	6,9	946.936	1.199.614	26,7
ALAGOAS	1.635.144	1.748.967	7,0	28.422	47.809	68,2
BAHIA	6.223.723	6.887.873	10,7	338.270	380.121	12,4
CEARA	3.567.744	3.687.846	3,4	259.204	289.752	11,8
MARANHÃO	1.194.950	1.304.945	9,2	0	75	-
PARAÍBA	1.128.918	1.224.586	8,5	1.670	3.852	130,7
PERNAMBUCO	5.750.795	5.868.079	2,0	259.996	365.209	40,5
PIAUÍ	623.768	708.793	13,6	-	-	-
RIO GRANDE DO NORTE	1.291.950	1.480.480	14,6	59.374	112.796	90,0
SERGIPE	751.253	784.269	4,4	-	-	-

Fonte: ANAC. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/dados-estatisticos/dados-estatisticos>. Acesso em: 18 set. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Nota: Os dados de movimentação de passageiros internacionais incluem residentes e não-residentes no Brasil e conexões. Inclui passageiros pagos e gratuitos e conexões.

A atividade turística impulsiona diversos segmentos produtivos da economia além daqueles característicos como transporte, hospedagem, alimentação, etc. e ainda gera impostos, renda, emprego e divisas. Desse modo, os resultados apresentados pelo Nordeste quanto ao fluxo de turistas reforçam a importância da atividade para o desenvolvimento econômico da Região.

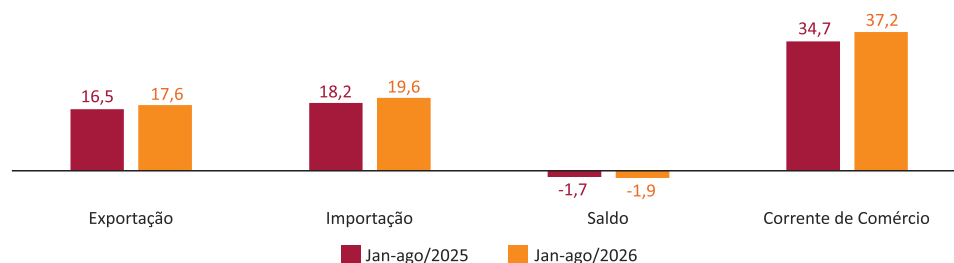


7 Comércio Exterior: Soja é o principal produto de exportação da Região

As exportações brasileiras alcançaram US\$ 250,85 bilhões e as importações US\$ 195,53 bilhões, no acumulado até agosto de 2026, registrando crescimento de 10,3% e 6,1%, respectivamente, face a mesmo período do ano anterior. A corrente de comércio atingiu US\$ 446,38 bilhões e a balança comercial foi superavitária em US\$ 55,32 bilhões.

A Região Nordeste foi responsável por 7,0% das exportações e por 10,0% das importações brasileiras, no período de janeiro a agosto de 2026. As exportações totalizaram US\$ 17,64 bilhões, aumento de 6,9% e as importações somaram US\$ 19,58 bilhões, alta de 7,6%, nesse período comparativo. A balança comercial nordestina, portanto, registrou déficit de US\$ 1,93 bilhão no período e a corrente de comércio atingiu US\$ 37,22 bilhões (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Valor das Exportações, importações, saldo e corrente de comércio – Nordeste – Jan-ago/2026/2025 - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 08/09/2026). Obs.: Dados sujeitos a retificação.

No acumulado até agosto de 2026, as exportações nordestinas foram impulsionadas principalmente pela Agropecuária, que cresceu 17,8%, destacando-se a soja (+25,2%), além de algodão e frutas. A Indústria Extrativa avançou 14,3%, puxada pelos minérios de cobre. Já a Indústria de Transformação, responsável por quase 60% das exportações, registrou crescimento modesto de 0,6%, com alta nas vendas de ouro, combustíveis de petróleo e produtos de ferro e aço, mas queda em açúcar, alumina, veículos e derivados de cacau.

Os principais destinos das exportações foram China (26,3%), Estados Unidos (11,2%), Canadá (10,3%), Países Baixos (6,1%) e Espanha (5,1%), que juntos responderam por 59,1% das vendas externas. Apenas os Estados Unidos reduziram as compras (-8,3%), enquanto os demais ampliaram suas importações da região.

Nas importações, o crescimento foi liderado pelos bens de consumo, que mais que dobraram (+114,5%), especialmente devido à compra de automóveis. Também aumentaram as importações de bens de capital (+16,2%) e de combustíveis e lubrificantes (+1,8%). Por outro lado, as compras de bens intermediários recuaram 4,1%, com queda nas importações de fertilizantes, cacau, componentes eletrônicos e trigo.

Entre os principais fornecedores do Nordeste destacaram-se China (26,0%), Estados Unidos (25,5%), Rússia (6,3%), Argentina (5,1%) e Países Baixos (2,8%), sendo que China (+53,1%) e Países Baixos (+145,3%) registraram os maiores crescimentos nas vendas para a região.

7.1 Comex Estados: Bahia tem maior superávit comercial do Nordeste

As exportações nordestinas somaram US\$ 17,6 bilhões entre janeiro e agosto de 2026, crescimento de 6,9% frente ao mesmo período do ano anterior, embora a Região tenha mantido déficit comercial de US\$ 1,9 bilhão. A Bahia concentrou praticamente metade das exportações nordestinas (49,8%) e registrou o maior superávit comercial da Região, de US\$ 1,35 bilhão, impulsionada pelo crescimento das vendas de soja, minérios de cobre, combustíveis derivados de petróleo e ouro. Também apresentaram superávit Piauí (US\$ 789,4 milhões), Rio Grande do Norte (US\$ 568,6 milhões), Maranhão (US\$ 211,4 milhões) e Sergipe (US\$ 51,1 milhões). Entre os destaques positivos, o Rio Grande do Norte registrou o maior crescimento das exportações (35,2%), enquanto Pernambuco (-25,6%), Alagoas (-24,1%) e Paraíba (-20,7%) apresentaram as



maiores retrações. A Tabela 11 sintetiza a distribuição das exportações, importações e saldos comerciais dos estados nordestinos, evidenciando a forte participação da Bahia nas exportações regionais e os superávits registrados por Bahia, Piauí, Rio Grande do Norte, Maranhão e Sergipe.

Tabela 11 – Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - Jan-ago/2026 - US\$ milhões FOB

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var. % jan-ago 2026/ 2025	Valor	Part. (%)	Var. % jan-ago 2026/ 2025	
Maranhão	3441,75	19,51	-1,66	3230,34	16,50	11,90	211,42
Piauí	870,40	4,93	12,98	81,00	0,41	-67,03	789,40
Ceará	1630,07	9,24	8,18	1842,42	9,41	1,17	-212,36
R G do Norte	882,49	5,00	35,24	313,86	1,60	6,16	568,63
Paraíba	85,80	0,49	-20,65	342,68	1,75	-55,49	-256,88
Pernambuco	1245,25	7,06	-25,61	5280,70	26,97	8,36	-4035,45
Alagoas	428,25	2,43	-24,13	828,66	4,23	22,04	-400,41
Sergipe	273,04	1,55	-9,79	221,99	1,13	1,61	51,05
Bahia	8787,04	49,80	18,23	7436,44	37,98	16,00	1350,60
Nordeste	17644,09	100,00	6,86	19578,09	100,00	7,57	-1934,00

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 22/09/2026).

Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

A Tabela 12 complementa essa análise ao identificar os principais produtos exportados e importados de cada estado, revelando a predominância de commodities como soja, combustíveis derivados de petróleo e celulose na pauta exportadora regional, além da relevância de combustíveis, fertilizantes e veículos entre os principais itens importados.

Tabela 12 – Nordeste e Estados - Principais produtos exportados e importados- - Em %– Jan-ago/2026

Estados/ Nordeste	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Soja (49,3%), Alumina (óxido de alumínio) (20,4%), Celulose (13,8%)	Óleos combustíveis de petróleo (67,1%), Adubos ou fertilizantes químicos, exc fertilizantes brutos (21,7%), Elementos químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogêneos (3,3%)
Piauí	Soja (87,0%), Outras gorduras e óleos animais ou vegetais, processados, ceras, etc (3,1%), Milho não moído, exceto milho doce (2,7%)	Trigo e centeio, não moídos (18,0%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos (14,0%), Barras de ferro e aço, barras, cantoneiras e perfis (8,3%)
Ceará	Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (54,5%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (6,1%), Calçados (6,0%)	Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (14,6%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (10,1%), Trigo e centeio, não moídos (7,7%)
Rio Grande do Norte	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (50,0%), Ouro, não monetário (23,9%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (14,2%)	Óleos combustíveis de petróleo (exceto óleos brutos) (14,7%), Geradores elétricos giratórios e suas partes (13,1%), Trigo e centeio, não moídos (9,7%)
Paraíba	Calçados (49,9%), Sucos de frutas ou de vegetais (15,6%), Açúcares e melaços (7,5%)	Preparações e cereais, de farinhas, ou amido de frutas ou vegetais (11,0%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (9,8%), Polímeros de etileno, em formas primárias (7,7%)
Pernambuco	Veículos automóveis de passageiros (20,2%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (13,5%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (13,5%)	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (25,9%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (8,0%), Propano e butano liquefeito (5,5%)

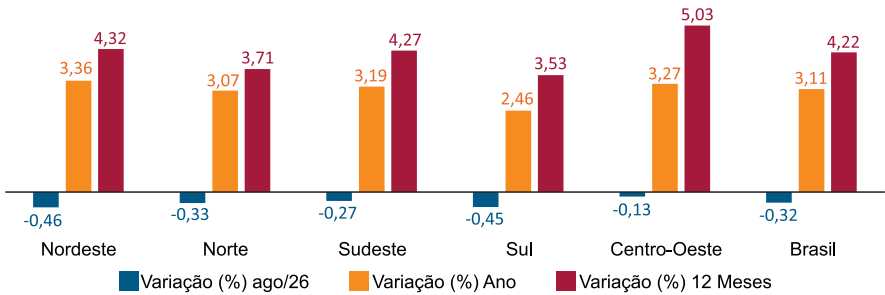
Estados/ Nordeste	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Alagoas	Açúcares e melaços (57,7%), Minérios de cobre e seus concentrados (37,9%), Tabaco em bruto (1,3%)	Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (5,1%), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (4,2%), Outros hidrocarbonetos e seus derivados halogenados, sulfonados, etc (4,2%)
Sergipe	Óleos brutos de petróleo (69,5%), Sucos de frutas ou de vegetais (16,1%), Motores e máquinas não elétricos e suas partes (3,4%)	Gás natural, liquefeito ou não (28,6%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (13,5%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (9,0%)
Bahia	Soja (22,2%), Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (19,9%), Celulose (10,1%)	Veículos automóveis de passageiros (17,3%), Óleos combustíveis de petróleo (17,0%), Óleos brutos de petróleo (15,8%)
Nordeste	Soja (24,9%), Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (13,7%), Celulose (7,7%)	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (25,8%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (7,7%), Veículos automóveis de passageiros (7,6%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 22/09/2026).
Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

8 Inflação: IPCA do Nordeste recua e fica abaixo do nacional em agosto de 2026

A inflação do Nordeste, medida pelo IPCA (Gráfico 3), registrou queda de 0,46% em agosto de 2026, resultado inferior ao observado no Brasil (-0,32%). Todas as 16 regiões metropolitanas/capitais pesquisadas, tiveram desinflação. As menores taxas da Região ocorreram em São Luís (-0,60%), Salvador (-0,59%) e Recife (-0,53%), enquanto Fortaleza apresentou a menor desinflação (-0,10%).

Gráfico 3 – IPCA - Valor e variação (%) – Brasil e Regiões – agosto, ano e variação em doze meses - 2026.



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026).

O resultado regional foi influenciado principalmente pelas quedas nos grupos Habitação (-2,23%), Transportes (-1,12%) e Alimentação e bebidas (-0,49%), refletindo sobretudo a redução dos preços da energia elétrica residencial, dos combustíveis e de alimentos como batata, tomate e cebola (Tabela 13). Apesar disso, o índice de difusão aumentou em relação ao mês anterior, indicando que a alta de preços se espalhou por mais itens, embora a queda de produtos com maior peso na cesta de consumo tenha predominado no resultado final.

Tabela 13 – IPCA (%) e Impactos por Grupo Pesquisado (p.p) – Brasil, Nordeste e Capitais pesquisadas, na Região – Variação agosto de 2026.

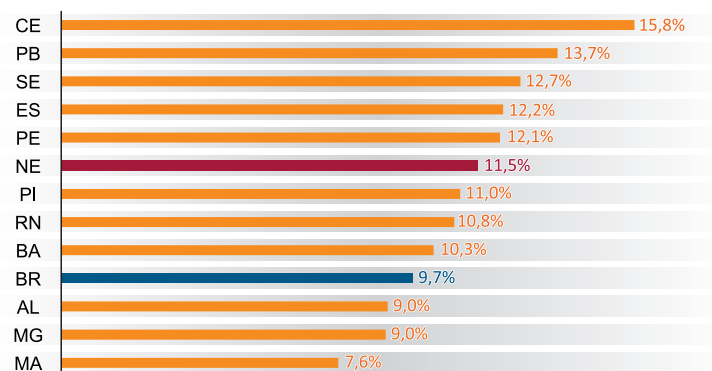
	Fortaleza		Recife		Salvador		Aracaju		São Luis		Nordeste		Brasil	
	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto
IPCA - Grupo Pesquisado	-0,10		-0,53		-0,59		-0,38		-0,60		-0,46		-0,32	
Alimentação e Bebidas	-0,08	-0,02	-0,66	-0,16	-0,44	-0,10	-0,47	-0,10	-1,13	-0,29	-0,49	-0,12	-0,34	-0,07
Habitação	-1,61	-0,26	-2,64	-0,36	-2,19	-0,31	-1,96	-0,25	-2,81	-0,41	-2,23	-0,32	-1,87	-0,29
Artigos de Residência	-0,75	-0,03	0,99	0,04	-0,10	-0,00	0,06	0,00	1,34	0,06	0,20	0,01	0,64	0,02
Vestuário	1,45	0,07	0,18	0,01	0,84	0,04	-0,26	-0,01	0,21	0,01	0,66	0,04	0,12	0,01
Transportes	-0,38	-0,07	-0,97	-0,19	-1,75	-0,33	-0,93	-0,17	-0,72	-0,13	-1,12	-0,21	-0,86	-0,17
Saúde e Cuidados Pessoais	0,20	0,03	0,36	0,05	0,34	0,05	0,02	0,00	0,19	0,03	0,28	0,04	0,23	0,03
Despesas Pessoais	1,24	0,10	0,78	0,07	0,35	0,04	1,03	0,10	0,87	0,07	0,74	0,07	1,30	0,13
Educação	1,44	0,10	0,27	0,00	0,37	0,02	0,77	0,06	0,00	0,00	0,67	0,04	0,47	0,03
Comunicação	-0,40	-0,01	-0,23	-0,01	-0,14	-0,01	-0,13	-0,01	0,34	0,01	-0,17	-0,01	-0,09	-0,00

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026). variação (%); Impacto: pontos percentuais: p.p.

9 Crédito: Ceará, Paraíba e Sergipe lideram ranking regional do crédito na área de atuação do BNB

O crédito na região Nordeste segue em trajetória de expansão, conforme indicam os dados mais recentes divulgados pelo Banco Central. Nos doze meses encerrados em junho, a carteira de crédito do Nordeste avançou 11,5% (Gráfico 4), ritmo superior ao registrado pelo Brasil (+9,7%). Assim, o Nordeste manteve a primeira posição entre as Regiões que apresentaram maior crescimento do crédito, ampliando a distância em relação à Região Norte (+10,6%). As demais regiões Sudeste (+9,5%), Sul (+9,2%) e Centro-Oeste (+6,7%) permaneceram em crescimento, mas abaixo da média nacional.

Gráfico 4 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Estadual - Área de Atuação do BNB – Crescimento % em Relação aos Últimos 12 Meses - Junho/2026



Fonte: Banco Central (2026). Elaboração: BNB/Etene (2026)

A carteira de crédito total do Nordeste, no final de junho de 2026, alcançou o montante de R\$ 1,05 trilhão de reais, com crescimento de 4,2% no acumulado do primeiro semestre, ante 3,0% no Brasil. Em termos de volume, Bahia, Ceará e Pernambuco concentraram 59,4% da carteira regional, com saldos de R\$ 287,8 bilhões, R\$ 169,6 bilhões e R\$ 167,3 bilhões, respectivamente. O avanço do crédito seguiu impulsionado pelo segmento de pessoas jurídicas (PJ), que ganhou força ante maio. Sergipe registrou alta de +23,6% na carteira PJ nos doze meses encerrados em junho de 2026 — o maior crescimento entre todos os segmentos na área de atuação do BNB —, seguido pelo Ceará (+20,9%) e pela Paraíba (+18,0%).

10 Desempenho Fiscal – União: Governo Central registra superávit em julho de 2026

O Governo Central registrou superávit primário de R\$ 10,8 bilhões em julho de 2026, revertendo o déficit de R\$ 59,1 bilhões observado no mesmo mês de 2025 (Tabela 15). O resultado foi influenciado principalmente pela antecipação dos pagamentos de precatórios para março, pelo crescimento real de 7,7% da receita líquida e pela queda real de 20,7% das despesas totais. Apesar do resultado positivo no mês, o acumulado de janeiro a julho apresentou déficit primário de R\$ 81,3 bilhões, superior ao registrado no mesmo período do ano anterior, enquanto a dívida bruta do governo geral alcançou 82,5% do PIB. A elevação dos gastos concentrou-se principalmente nos benefícios previdenciários, despesas discricionárias e áreas como saúde e educação. O avanço das receitas foi sustentado pelo aumento da arrecadação do Imposto de Renda, das contribuições para o RGPS e das receitas provenientes da exploração de recursos naturais, favorecidas pelo desempenho do setor petrolífero.

Tabela 15 – Resultado do Tesouro Nacional - Maio e Janeiro-Julho de 2026 (Milhões correntes)

Discriminação	Jan-Julho		Variação (2026/2025)		"Julho"		Variação (2026/2025)	
	2025	2026	% Nominal	% Real (IPCA)	2025	2026	% Nominal	% Real (IPCA)
1. RECEITA TOTAL	1.667.634	1.839.667	10,3%	5,7%	243.999	275.884	13,1%	8,3%
2. TRANSF. POR REPARTIÇÃO DE RECEITA	327.944	357.810	9,1%	4,5%	42.754	49.579	16,0%	11,0%
3. RECEITA LÍQUIDA (1-2)	1.339.690	1.481.857	10,6%	5,9%	201.245	226.305	12,5%	7,7%
4. DESPESA TOTAL	1.410.037	1.563.162	10,9%	6,2%	260.315	215.522	-17,2%	-20,7%
5. RESULTADO PRIMÁRIO GOV. CENTRAL (3 - 4)	-70.347	-81.305	15,6%	12,4%	-59.070	10.783	-	-
Tesouro Nacional	176.370	177.736	0,8%	-3,8%	-16.076	33.320	-	-
Banco Central	-379	-627	65,3%	58,8%	-310	-302	-2,4%	-6,6%
Previdência Social (RGPS)	-246.339	-258.414	4,9%	0,6%	-42.684	-22.234	-47,9%	-50,1%
6. RESULTADO PRIMÁRIO/PIB	-0,96%	-1,04%	-	-	-5,40%	0,92%	-	-

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional – STN

A Tabela 16 complementa a análise ao apresentar as necessidades de financiamento do setor público. No acumulado dos sete primeiros meses de 2026, as contas do setor público consolidado registraram um déficit primário de R\$ 78,8 bilhões, o equivalente a 1% do produto interno bruto (PIB), significando uma piora na comparação com o mesmo período do ano passado, quando foi registrado um saldo negativo de R\$ 44,5 bilhões (0,61% do PIB). O Governo Central influenciou bastante esse resultado, com um déficit de R\$ 82,4 bilhões contra um déficit de R\$ 68,7 bilhões registrado no mesmo período de 2025. Quando se incorporam os juros da dívida pública na conta, no conceito conhecido no mercado como resultado nominal, observa-se um déficit nominal de R\$ 747,5 bilhões nas contas do setor público no acumulado de janeiro a julho de 2026, que equivale a 9,53% do PIB. Este último número é acompanhado com atenção pelas agências de classificação de risco para definição da nota de crédito dos países, constituindo-se em indicador relevante para avaliação dos investidores estrangeiros. Com esse desempenho fiscal, a dívida bruta do governo geral (DBGG), que compreende o Governo Federal, o INSS e os governos estaduais e municipais, atingiu 82,5% do PIB, R\$ 10,9 trilhões, em julho de 2026, aumentando 0,6 p.p. do PIB em relação ao mês anterior.

Tabela 16 – Necessidades de financiamento do setor público (Fluxos acumulados no ano) - Janeiro a julho de 2026 - R\$ milhões correntes

DISCRIMINAÇÃO	JANEIRO-JULHO				FLUXOS MENSAIS		
	2025	% do PIB	2026	% do PIB	Maio	Junho	Julho
Nominal	570 213	7,79	747 452	9,53	163 679	165 966	97 602
Governo Central(1)	534 176	7,30	693 922	8,84	153 063	147 688	81 842
Governos estaduais	24 849	0,34	41 807	0,53	9 319	16 913	11 486
Governos municipais	340	0,00	- 2 587	-0,03	999	- 707	2 555
Empresas estatais(2)	10 848	0,15	14 310	0,18	298	2 072	1 719
Juros nominais	525 676	7,18	668 617	8,52	107 547	110 653	98 963
Governo Central(1)	465 493	6,36	611 522	7,79	97 895	100 452	92 817
Governos estaduais	52 110	0,71	46 792	0,60	8 363	8 723	4 607
Governos municipais	5 510	0,08	5 987	0,08	719	873	933
Empresas estatais(2)	2 563	0,04	4 316	0,06	571	604	607
Primário	44 537	0,61	78 835	1,00	56 131	55 313	- 1 361
Governo Central	68 684	0,94	82 400	1,05	55 169	47 236	- 10 975
Governos estaduais	- 27 261	-0,37	- 4 985	-0,06	956	8 189	6 880
Governos municipais	- 5 170	-0,07	- 8 574	-0,11	280	- 1 581	1 623
Empresas estatais(2)	8 285	0,11	9 993	0,13	- 273	1 468	1 112
PIB acumulado no ano*	7 318 527	-	7 847 259	-			

Fonte: BACEN

(1) Inclui INSS

(2) Exclui as empresas dos Grupos Petrobras e Eletrobras

* Dados preliminares

(+) déficit (-) superávit

11 Variáveis Macroeconômicas – FOCUS

O Quadro 1 apresenta as expectativas do BNB/Etene para as variáveis macroeconômicas listadas, como subsídio ao Relatório Focus do Banco Central do Brasil na última semana de setembro/2026, bem como o comportamento em relação ao mês anterior.

Quadro 1 – BNB/Etene: expectativas de Variáveis Macroeconômicas para o ano de 2026 – base agosto/2026

VARIÁVEL	PIB (%)	R\$/US\$	IPCA (%)	IGP-M (%)	SELIC (%)	DESOCUPAÇÃO (%)
Última semana de julho	2,00	5,20	5,00	4,90	13,75	5,30
Em relação ao mês anterior	=	=	=	=	=	▼

Fonte: BNB/Etene (2026).

OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Paulo Henrique Saraiva Câmara

DIRETORES

Ana Teresa Barbosa de Carvalho,
Antonio Jorge Pontes Guimarães Junior
José Aldemir Freire,
Leonardo Victor Dantas da Cruz,
Raimundo Vândir Farias Júnior e
Wanger Antônio de Alencar Rocha

ECONOMISTA-CHEFE:

Rogério Sobreira

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Allisson David de Oliveira Martins

Gerente de Ambiente

Liliane Cordeiro Barroso

Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas

Atividade Econômica Regional

Biagio de Oliveira Mendes Junior

Produção Agropecuária

Kamilla Ribas Soares

Produção Industrial e Cenário Bancário

Liliane Cordeiro Barroso

Crédito

Allisson David de Oliveira Martins

Comércio Varejista e Serviços

Biagio de Oliveira Mendes Junior

Turismo e Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Índice de Preços e Cesta Básica

Antônio Ricardo de Norões Vidal e
Wellington Santos Damasceno

Economia Internacional

Allisson David de Oliveira Martins e
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Finanças Públicas

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Estagiários

Guilherme Miranda Soares

Samuel Alesxandro Apolinario Xavier

Projeto Gráfico

Gustavo Bezerra Carvalho

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 Térreo - Passaré -
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177

Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC): 0800 728 3030



**Banco do
Nordeste**